

CORPOS-MOVIMENTOS A CONFIGURAR SEXUALIDADE E GÊNERO EM *ACENOS E AFAGOS* DE JOÃO GILBERTO NOLL

BODIES-MOVEMENTS TO CONFIGURE SEXUALITY AND GENDER IN JOÃO GILBERTO NOLL'S *WAVES AND CARESSES*

Ricardo Postal

ricapostal@gmail.com

Paulo Sérgio Queiroz

paulosqs@gmail.com

Resumo:

Este trabalho objetiva analisar como as vivências da personagem, João Imaculado, representam questões identitárias contemporâneas acerca do corpo, da sexualidade e do gênero no romance *Acenos e Afagos* (2008) de João Gilberto Noll. Metodologicamente, este estudo se dará pelas análises de trechos da obra e pelo prisma teórico de autores como Foucault (2014), Louro (1997/1999/2008), Hall (1999), Scott (1995) etc, os quais guiarão as reflexões aqui pretendidas.

Palavras-chave: Corpo. Gênero. Sexualidade.

Abstract:

This work aims to analyze how the experiences of the character, João Immaculado, represent contemporary identity issues about body, sexuality and gender in the novel *Acenos e Afagos* (2008) by João Gilberto Noll. Methodologically, this study will be based on the analysis of excerpts from the novel and the theoretical prism of authors such as Foucault (2014), Louro (1997/1999/2008), Hall (1999), Scott (1995) and others, who will guide the reflections intended here.

Key words: Body. Genre. Sexuality.

Introdução

O escritor João Gilberto Noll nasceu em 1946, em Porto Alegre. Publicou seu primeiro livro de contos, *O cego e a dançarina*, em 1980. Ele tem mais de onze romances publicados e, dentre esses, encontra-se a obra *Acenos e Afagos*¹. Com esse romance, Noll ganhou, em 2009, o segundo lugar no Prêmio Portugal Telecom. Nesse mesmo ano, recebeu, também, o prêmio Fato Literário 2009, pela mesma obra.

¹NOLL, João Gilberto. *Acenos e Afagos*. Rio de Janeiro/ São Paulo: Editora Record, 2008.

João Gilberto Noll é um autor muito consciente do papel social da literatura enquanto discurso a refletir e reverberar o sujeito pós-moderno, o homem-corpo contemporâneo que pede fala e espaço não só no mundo real, mas também no âmbito ficcional: “a ficção nolliana tem uma marca muito própria da contemporaneidade: o rompimento do sujeito como noção de uma verdade preexistente, de um saber aquém da linguagem”².

É de fato pelo exposto no primado da/pela linguagem que Noll faz ver e sentir, pelo corpo maculado de um certo João, as configurações de sexualidade e de gênero em *Acenos e Afagos*. Nesse romance, Noll construiu uma personagem cujo corpo apresenta traços de gênero masculino e feminino nas relações generificadas e afetivo-sexuais. Para tanto, como se darão esses traços de gênero no corpo de João Imaculado? Quem será este homem, que se relaciona com mulheres e se considera “entendido” nas/a partir das relações homoafetivas com outros homens? Que masculino será este, o qual se permite viver desejos e amores com parceiros do mesmo sexo? E o feminino: que corpo desejoso será este em João Imaculado? Quem será esse corpo-homem/mulher desejoso de afagos e de prazeres?

A literatura de João Gilberto Noll se insere no contexto contemporâneo de modo pungente através de vários aspectos como sua linguagem, seus temas e a construção de seus narradores-personagens. São justamente tais aspectos que o romance do *corpus* deste trabalho, pluraliza em sua diegese. Acerca do último aspecto, Schollhammer reforça tal construção, argumentando que desde “o livro de estreia, *O cego e a dançarina* (1980), os narradores de Noll sempre padecem do contato com a realidade, são, nesse sentido, “apaixonados” verdadeiros, vítimas da paixão, à procura de uma realidade em falta”³.

Em *Acenos e Afagos*, Noll traz uma personagem, João Imaculado, narrador-protagonista, cujo corpo é o principal motriz para se pensarmos acerca da temática que coaduna a personagem. Imaculado é um corpo-sujeito que, “na *performance* teatral do “eu” narrativo, produz uma metamorfose vivida no nível do corpo”⁴.

Mais do que tratar o corpo como simples atributo do humano, *Acenos e Afagos* traz os traços da corporeidade para elencar o corpo como símbolo do existir e do relacionar-se, no mundo, com as pessoas. Ao adentrar na simbologia do existir humano

² Pires, Antônia Cristina de Alencar. **Errância: transgressão (memória e identidade em A céu aberto)**. In: Memórias do presente – Ensaios de literatura contemporânea, Belo Horizonte: Pós-Lit/FALE/UFGM, 2000, p. 41.

³ SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção Brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009, p. 119.

⁴ Ibidem, p.118.

através de João Imaculado, o romance nolliano problematiza questões identitárias de gênero e de sexualidade.

Com isso, João Imaculado discursa e representa o masculino e o feminino em um único corpo, possibilitando, assim, certa reflexão acerca do humano no espaço-tempo pós-moderno.

O que pode o corpo?

Para o sociólogo David Le Breton, a “existência é corporal”⁵. Por isso, faz-se necessário pensar a existência de homens e de mulheres a partir das experiências e sociais com o corpo, com outros corpos, uma vez que é através da corporeidade que

o homem faz do mundo a extensão de sua experiência; transforma-o em tramas familiares e coerentes, disponíveis à ação e permeáveis à compreensão. Emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural.⁶

Assim, é preciso pensar a existência do humano, do sujeito ou do “ator”, como chama Le Breton, como possibilidade de exercer identidades nas práticas sociais e culturais, uma vez que o corpo é a mobilidade significativa de permitir convívios e trocas íntimas nas relações e nas práticas do dia a dia em sociedade. Nos âmbitos sociais, o corpo pode ser configurado e, nesse processo, o autor reflete:

Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída [...]: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, o sofrimento, etc. Antes de qualquer coisa, a existência é corporal.⁷

Os estudos desse autor acerca do corpo, nas ciências sociais, orientam a percepção dos corpos-movimentos de João Imaculado, personagem do romance nolliano. Essa personagem, no decorrer da narrativa, será, em certo tempo da estória, um corpo-homem casado com uma mulher, pai de um filho e um corpo-homem/“entendido”. Depois será, também, um corpo-homem/mulher relacionando-se com um homem.

⁵ LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 7.

⁶ Ibidem, p. 8.

⁷ Ibidem, p. 7.

Esse último corpo parece somente se concretizar no discurso, de si para si, do próprio personagem. Isso nos faz pensar que as transformações ou mutações em João Imaculado podem não ocorrer de fato, no que diz respeito a algumas ações realizadas nas experiências identitárias e afetivas que seu corpo vivencia ou simplesmente quer vivenciar. Ou seja: a noção de corpos em um único corpo, tratada neste trabalho, tem sentido metafórico para se perceber as identidades sexuais e de gênero que coadunam a personagem.

Ver o corpo como correspondente das trocas, das relações entre pessoas na vida, na presença mesma de outro corpo, faz naturalizar o que já é natural: as relações entre homens e mulheres, homens e homens, mulheres e mulheres. Perceber o corpo como possível representação da subjetividade identitária de sujeitos sociais e culturalmente construídos pelas práticas e discursos ideológicos em sociedade, faz existir, plenamente, o corpo humano com suas idiossincrasias íntimas porque “o corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia. É, em primeiro lugar, uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais”.⁸

Com isso, entendemos que as questões de sexualidade e de gênero, que emergem a partir das identidades, as quais fluem dos corpos-movimentos das pessoas, cujas práticas afetivo-sexuais lhes constituem como seres de tais práticas, fazem das identidades de gênero e sexuais fatores a influir no cotidiano da humanidade.

Pensar o corpo biológico como sendo o âmbito limitador da sexualidade e de gênero é fechar as possibilidades de sentidos daquele corpo, ou seja, as amplitudes de significados e significações que essas identidades podem no espaço mesmo do corpo. Nesse contínuo, as reflexões de Weeks são relevantes:

(...) argumentarei que embora o corpo biológico seja o local da sexualidade, estabelecendo os limites daquilo que é sexualmente possível, a sexualidade é mais do que simplesmente o corpo. De fato, juntamente com Carole Vance (1984), estou argumentando que o órgão mais importante nos humanos é aquele que está atrás das orelhas. A sexualidade tem tanto a ver com nossas crenças, ideologias e imaginação quanto com nosso corpo físico.⁹

Discursos sobre a sexualidade numa perspectiva biológica e natural configuram determinadas expressões do corpo. Esses discursos balizam e mantêm a matriz heterossexual como possibilidade única de ser vivida, de ser seguida. Nesse sentido, as

⁸ Ibidem, p. 29.

⁹ WEEKS, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. In: O corpo Educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 39.

reflexões propostas, neste estudo, podem auxiliar a pensar ou repensar os paradigmas das identidades sexuais e de gênero, que não somente se corporificam na obra nolliana, mas se fazem presença na sociedade.

Os “dispositivos de saber/poder” promovem essas ações paradigmáticas de cunho biológico e natural. Sobre esse processo, o argumento de Weeks, mais uma vez, se faz importante:

Essa explosão discursiva sempre em expansão é parte de um complexo aumento do controle sobre os indivíduos, controle não através da negação ou da proibição, mas através da produção; pela imposição de uma grade de definição sobre as possibilidades do corpo, através do aparato da sexualidade.¹⁰

É “sobre as possibilidades” que a “corporeidade é socialmente construída”. E, assim, o corpo pode e deve fazer-se existência. Existir, o corpo, como potência de ser e de estar na dinâmica dos movimentos identitários no mundo, em sociedade.

Corpos-movimentos a configurarem sexualidade e gênero

Stuart Hall, no livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, passa a questionar-se acerca da “identidade cultural na modernidade tardia e avaliar se existe uma “crise de identidade”, em que consiste essa crise e em que direção ela está indo”¹¹. Nesse estudo, o autor, logo de início, afirma que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno”.

Mesmo afirmando que “as identidades modernas estão sendo “descentradas”, isto é, deslocadas ou fragmentadas”, as reflexões de Stuart Hall são cautelosas, uma vez que, segundo o próprio o autor, o conceito de identidade é muito complexo, é “muito pouco desenvolvido e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea”¹².

Na contemporaneidade, novas formas de ser, de estar e de sentir configuram “paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade”¹³. Essas novas paisagens promovem renovadas estruturas nas sociedades, as quais, segundo Hall, são conhecidas por “deslocamento ou de descentração do sujeito”. Aliás, são essas novas paisagens a chamada “crise de identidade”. E sobre elas, o autor argumenta:

¹⁰ Ibidem, p. 51.

¹¹ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – Rio de Janeiro: DP&A, 1999, p. 7.

¹² Ibidem, p. 8.

¹³ Ibidem, p. 9.

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isto está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo.¹⁴

Em seguida, Hall elenca que “os processos de mudanças, tomados em conjunto, representam uma processo de transformação tão fundamental e abrangente que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada”.¹⁵ Ao fazer tal afirmação, o autor reflete sobre o paradigma construído na modernidade acerca da identidade como sendo fixa a partir, também, de um essencialismo paradigmático. Nesse posto, argumenta defendendo:

Este livro acrescenta uma nova dimensão a esse argumento: a afirmação de que naquilo que é descrito, algumas vezes, como nosso mundo pós-moderno, nós somos também “pós” relativamente a qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade – algo que, desde o Iluminismo, se supõe definir o próprio núcleo ou essência de nosso ser e fundamentar nossa existência como sujeitos humanos.¹⁶

Partindo dessa afirmação, Stuart Hall passa a definir a noção de identidade e o “caráter da mudança na modernidade tardia”. Das três concepções de identidade (1999, p. 10): o *sujeito do Iluminismo*, o *sujeito sociológico* e o *sujeito pós-moderno*, essa última concepção ilumina as análises acerca dos corpos-movimentos de João Imaculado, personagem que reúne em si certas marcas, e por que não dizer vivências deste tempo pós-moderno.

Além disso, João Imaculado é um corpo-sujeito cambiante, cujas identidades sexuais e de gênero nunca são fixas, mas descentradas, ou seja, fragmentadas nas suas movimentações existenciais. Assim, os argumentos de Hall¹⁷, quando elenca que o *sujeito pós-moderno* é aquele cuja identidade é cambiante, não fixa nem mais central, e sim fragmentada, isso faz espelhar a personagem principal do romance, por apresentar um sujeito de identidades diversas em certos contextos da narrativa nolliana.

¹⁴ Ibidem, p. 9.

¹⁵ Ibidem, p. 10.

¹⁶ Ibidem, p. 10.

¹⁷ Ibidem, p. 12-13.

Para Michel Foucault, a sexualidade é construída social, histórica, cultural e discursivamente por dispositivos de saber e de poder, ou seja, pelo conhecimento e pelo sistema de controle em sociedade. Esses dispositivos agem por diversos meios, como a mídia e a ciência, por exemplo. Aliás, é este último exemplo que Foucault enfatiza em seu livro *História da Sexualidade 1*. Nesta obra, o autor elenca a *vontade de saber* de questões referentes ao sexo, à sexualidade, aos prazeres e aos desejos da sociedade ocidental.

A *vontade de saber* vai dar-se por uma proliferação de discursos sobre o sexo e sobre a sexualidade. Nesse processo, Foucault argumenta que havia sim, em finais do século XVI, discursos imbuídos de repressões acerca do sexo, mas ocorria muito mais a *incitação*, a urgência de se falar sobre ele. Isso acontecia como modo de controle e condução, pelos dispositivos de saber/poder, dos corpos em sociedade. Nesse sentido,

a “colocação do sexo em discurso”, em vez de sofrer um processo de restrição, foi, ao contrário, submetida a um mecanismo de crescente incitação; que as técnicas de poder exercidas sobre o sexo não obedecem a um princípio de seleção rigorosa, mas, ao contrário, de disseminação e implantação das sexualidades polimorfas e que a vontade de saber não se detém diante de um tabu irrevogável, mas se obstinou – sem dúvida através de muitos erros – em construir uma ciência da sexualidade.¹⁸

Foucault chama de *Scientia sexualis* o paradigma no qual a ciência ocidental estabeleceu acerca da sexualidade humana a partir de “normas médicas”. É neste processo, que as questões referentes à sexualidade são estabelecidas como guia construtivo de ser e de viver em sociedade. Nisso, discursos imbuídos de saber/poder sobre o sexo e a sexualidade promoviam “medo” e construíam um imaginário de “males” e de perigos à sociedade:

Era (...) uma ciência essencialmente subordinada aos imperativos de uma moral, cujas classificações reiterou sob a forma de normas médicas. A pretexto de dizer a verdade, em todo lado provocava medos; atribuía às menores oscilações da sexualidade uma distancia imaginária de males fadados a repercutirem sobre as gerações; afirmou perigosos à sociedade inteira os hábitos furtivos dos tímidos e as pequenas e mais solitárias manias; no final dos prazeres insólitos colocou nada menos do que a morte: a dos indivíduos, a das gerações, a da espécie.¹⁹

¹⁸ FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Paz & Terra: Rio de Janeiro/São Paulo, 2014, p. 18.

¹⁹ Ibidem, p. 60.

Os estudos de Foucault acerca do poder, a partir de seus “dispositivos”, confirmam a atuação do sistema, que controla corpos-sociedade não somente por proibições, mas pela liberdade mesma de dizeres, do falar, dos discursos sobre os prazeres sexuais e da sexualidade.

Pensar a sexualidade do ponto de vista da natureza, ou seja, como algo dado ao homem sem condição de transformação, é limitar suas possibilidades, da sexualidade, de ser e estar em sociedade; de ser e estar nas relações afetivo-sexuais entre os seres humanos; é, também, cercear as noções de gênero na fluidez das identidades e pelas suas fruições nas relações. É preciso, por outro lado, pensar a sexualidade como uma construção sociocultural, situada num tempo histórico-concreto, que lhe estabelece, pelas relações, um “saber”, um “poder”: dispositivos a promoverem, pelos discursos, verdades sobre o sexo, o desejo e o prazer de ser e estar no mundo nas/pelas relações de um corpo com outro corpo, como bem argumentou Foucault:

Não se deve concebê-la como uma espécie de dado da natureza que o poder é tentado a pôr em xeque, ou como um domínio obscuro que o saber tentaria, pouco a pouco, desvelar. A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede de superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências encandeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder.²⁰

Segundo Foucault, a sexualidade é construída. E esse processo construtivo é sócio-historicamente produzido por “dispositivos” que, a partir de um saber/poder, coordenam todo um pensar acerca daquilo que se tornou normativo: a heterossexualidade. Essa é vista, perante a homossexualidade, como sendo normal e natural, enquanto que a homossexualidade se torna um fator desviante, anormal. A construção, de acordo com o autor, se dá por uma *Scientia Sexualis*, cujos discursos carregados de um saber/poder atuam sobre o corpo e sobre o que dele emana: o desejo, o sexo e as identidades sexuais e de gênero.

Essas noções de sexualidade balizam o pensar foucaultiano da construção da identidade sexual porque esta, além de ser um fator historicamente concreto e situado, tem sua historicidade perpassada por questões sociais e políticas. Ademais, sua significação é construída no percurso mesmo do tempo; do tempo do homem que cria e

²⁰ Ibidem, p. 115.

recria certas noções e concepções de um modo que melhor lhe apraz, segundo Guacira Lopes Louro.²¹

Em consonância com Foucault, Louro nos faz perceber a permanente atuação de uma “pedagogia do corpo”, de um corpo que precisa ser educado no que tange à temática tratada neste estudo. Ademais, a sempre normatizadora matriz heterossexual recebe certa análise nos trabalhos de Louro. Sendo assim, as conceitualizações dessa autora auxiliam nas análises do personagem principal, João Imaculado, o qual configura corpos cujas identidades sexuais e de gênero são perceptíveis como sendo variáveis e fluídas, no trajeto do romance nolliano.

Os estudos de Louro voltam-se sempre para questões sobre sexualidade, gênero e o corpo. Todos esses temas, quase sempre, ela os direciona ao âmbito da educação. Em seu livro *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*, a autora reflete sobre as identidades de gênero e sexuais. Nesta reflexão, afirma ser importante “tentar estabelecer algumas distinções entre gênero e sexualidade, ou entre identidades de gênero e identidades sexuais”.²² Por outro lado, ao tentar estabelecer certas diferenças entre as identidades citadas, afirma poder correr “o risco de cair numa esquematização, já que na prática social tais dimensões são, usualmente, articuladas e confundidas”.

Mesmo sendo “articuladas e confundidas”, as identidades sexuais e de gênero são, também, “construídas, elas não são dadas ou inacabadas num determinado momento”. São experiências vividas por homens e mulheres e, sendo assim, suas “*identidades sexuais* se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas *identidades de gênero*”.²³

Podemos estabelecer ligações entre o pensamento de Foucault e de Louro quando refletem o processo de construção da sexualidade e do gênero pelos discursos, pelos dispositivos de saber/poder, pelas tecnologias. Todas as identidades vão, a partir dos aparatos discursivos, culturais, sociais e políticos, configurar sujeitos a viverem, ou não, suas características, vontades e desejos de ser, simplesmente, o que querem ser.

Neste percurso de pensar o gênero como categoria construída social, cultural e historicamente, as reflexões da historiadora norte-americana Joan Scott (1995) repensa e

²¹ Louro, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 11.

²² LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997, p. 25.

²³ Ibidem, p. 26.

reforça o conceito de gênero como não fixo, mas sempre em processo de significações a serem analisadas a partir dos contextos de usos nos discursos e nas relações sociais.

Pensar o gênero como uma categoria possível de análise que, e não somente, levem em consideração os aspectos social e subjetivo da construção identitária do ser, mas também os processos inerentes ao âmbito físico-sexual de homens e mulheres nas relações e comportamentos masculinos e femininos. E mais: possibilitar aberturas de outras reflexões, análises úteis de configurar outras possibilidades de significações generificadas.

Scott, em seu artigo intitulado de *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995),²⁴ argumenta acerca da desconstrução da noção de gênero como “representação binária”²⁵ acerca do masculino e do feminino. Assim, para a historiadora feminista, a desconstrução de gênero implica, não como permanente e imutável, a visão dicotômica no que diz respeito aos homens e às mulheres em âmbito social e historicamente situado.

É preciso, sim, como frisa Scott, perceber o gênero como “um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os seres”, porque ele, o gênero, “é uma forma primária de dar significado às relações de poder”.²⁶ Ademais, suas reflexões apontam não somente novos e significativos questionamentos, mas, sobretudo, novas abordagens de se analisar as relações generificadas entre homens e mulheres em sociedade.

Em seu artigo, Scott não somente faz uso das reflexões teóricas de Michel Foucault, mas também do conceito de “desconstrução”, de Jacques Derrida. Com isso, são valorosas as relações de sentido entre as reflexões de Foucault, Louro e Scott a este trabalho.

Dos Acenos e Afagos

Toda narrativa em *Acenos e Afagos* é de um único longo parágrafo que discursa por fluxo de consciência através da memorialização do discurso, pelo olhar, pelos gestos, por todo corpo da personagem protagonista. Podemos dividir a obra em duas partes: a fase da infância e a fase jovem/adulta da personagem. Logo de início, a

²⁴ Scott, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, n° 20 (2): 71.99, jul/dez. 1995. Tradução de Guacira Lopes Louro, versão em francês. Revisão de Tomaz Tadeu da Silva, de acordo com o original em inglês. Acessado em: 21/07/2017. Pdf:< file:///C:/Users/User/Downloads/Joan%20Scott.pdf>

²⁵ Ibidem, 1995, p. 87.

²⁶ Ibidem, 1995, p. 86.

narrativa traz uma cena que marcará a trajetória de vida de João Imaculado no decorrer de toda diegese: o primeiro contato dessa personagem com o engenheiro, amigo pelo qual ele “era de fato brutalmente apaixonado”.²⁷ O contato entre ambos deu-se de modo significativo no que tange às questões de sexualidade porque, para João, depois desse primeiro episódio, suas buscas e ânsias de prazer e de desejo movimentam-se a querer vivenciar outras experiências iguais à anterior.

Tanto João Imaculado quanto o Engenheiro eram meninos e o momento homoerótico que aconteceu entre os dois amigos, no consultório odontológico, foi definitivo para marcar a trajetória de vida de ambos. O momento de “luta e prazer” dos personagens, naquele espaço, ocorreu de modo sublimado e contundente: “Do consultório do dentista vinha o barulho incisivo da broca. E nós dois a lutar deitados, às vezes rolando pela escada da portaria abaixo. Crianças, trabalhávamos no avesso, para que as verdadeiras intenções não fossem nem sequer sugeridas”.²⁸

Contundente parece ser, de fato, a presença significativa do engenheiro e de outros corpos, a João Imaculado durante suas idas e vindas pelos caminhos da corporeidade. Prevalecem, aqui, os acenos e os afagos a promoverem encontros e desencontros na vida da personagem. Parecem ser supostas categorias, os acenos e os afagos, os quais significam o contexto de existência da personagem durante todo o romance. Noll parece reconfigurar as simples gestualizações desses movimentos feitos ou vividos, ou simplesmente pensados, por João.

João Imaculado é um ser marcado no nome, marcado no corpo. Ser que narra porque vivenciou, quando menino, “que a excitação de um corpo conheceria a plenitude com a chegada do pentelho”.²⁹ Ainda meninos, tanto João quanto o engenheiro, sentiram e vivenciaram, entre si, a experiência homoerótica. Nesse contexto, é interessante ver a maneira como João Imaculado pensa e discursa as sensações eróticas que seu corpo sente e as questões de homoerotismo as quais vivencia. Logo nas primeiras quatro páginas do romance, Noll nos apresenta uma personagem que sempre se permitirá experimentar as possibilidades do corpo.

As possibilidades do corpo e do “gozo” em João, ainda menino, são as possibilidades de “sentimento meio fosco entre o gozo e sua imediata negação”. Mas a negação entre eles não se deu. Pelo contrário, o envolvimento crescia e com ele a

²⁷ Noll, 2008, p. 24.

²⁸ Ibidem, p. 7.

²⁹ Ibidem, p. 8.

vontade do “gozo” também, o qual não havia, porém “a força catalizadora do pentelho” prevalecia.

No percurso de conhecer o corpo um do outro, havia, sim, a sagração do erotismo através da intensa “batalha” de forças e da imensa vontade em deleitar-se no âmbito corpo do outro: “Então o guri que me esmagava desenhou o gesto de me estrangular e então enfiei a mão por entre os corpos e peguei com gana o pau dele duro. Foi o que bastou para ele retirar seu peso de cima do meu corpo ainda franzino”.³⁰

Depois desse tenso momento de força, de prazer, de dor e “daquele enrijecido abraço”, eles suspiraram “em quase gemidos”. Gemidos estes que não cessaram, mas deram margem a mais luta, a mais força e a “sensações” de saber de si no outro.

Houve vontades e luta. Houve prazeres e luta. Houve “sensações” e o reconhecimento de que, para ambos, “o sexo deveria ser feito entre um homem e uma mulher e que dessa luta em meio aos lençóis se gestaria a criança, essas crianças correndo por tudo como nós. O nosso abraço belicoso fora uma situação que só poderia ter sido vivida porque se desgarrava da história principal”.³¹

Que “história principal” é esta à qual João Imaculado se refere? Expressaria ela a construída *História da Sexualidade* que Foucault analisou? Seria, também, a sempre presente matriz heterossexual a atuar? A resposta pode ser sim: porque *Acenos e Afagos* é um modo de perceber os dispositivos de saber/poder, as atuações de pedagogias do corpo e a normativa atuação da matriz heterossexual nas identidades de gênero e sexuais, mas também no corpo da personagem imaculada.

João Imaculado reconhece a atuação desta “história principal”, mas se permite ser e vivenciar o que pode o corpo, afirmando sobre tal valor histórico: “o vento acabou varrendo-a para o lixo. Éramos moleques que se reinventavam a cada sinal da puberdade”. Permitir-se é a palavra a acompanhar João pelos caminhos dos desejos, dos prazeres, do sexo, da sexualidade e do gênero; pelos caminhos do corpo, por tudo ao corpo.

A existência do homem no mundo dar-se pelo corpo, pela corporeidade. É a partir do corpo que os significados individuais e coletivos são posto nas esferas sociais; na socialização das vivências e das experimentações das sensações. Segundo Le Breton o corpo é “também uma constatação simbólica. A realidade de suas definições pelas sociedades humanas é objeto de uma primeira constatação”. Esse valor simbólico se faz reconhecível, no homem, como humano, como ser de relações com homens e com mulheres.

³⁰ Ibidem, p. 8.

³¹ Ibidem, p. 9.

Noll parece ter consciência desse valor do corpo como símbolo do existir humano e, talvez por isso, a colocação dele em *Acenos e Afagos* a partir da personagem João Imaculado e nos falares da mesma sobre outros corpos. João é uma personagem que sabe e reconhece o valor da corporeidade no mundo, nas relações interpessoais. Essa personagem discursa, o tempo todo, sobre o que pode o corpo, o que pode ela mesma fazer, o que pode ela mesma se permitir: “Embora investido de seu corpo tanto quanto eu, sua ficha talvez ainda não caíra para o fato de que aquele abraço túmido era prazer e que a partir dali não nos cansaríamos mais de repeti-lo. Vício.”³²

Cada movimento do experienciar o sexo, a sexualidade, faz de João Imaculado um ser pulsante e desejoso de tais experiências. Cada movimento verbal nas palavras e discursos sobre si, sobre seu corpo, faz desse protagonista um “ator” a encenar seus gestos: os acenos, os afagos. Cada um desses gestos significando algo, possibilitando alguma coisa, problematizando sua existência. Mesmo quando os acenos e os afagos não fazem mais parte de si, não estão mais em contato consigo, tudo ainda é registrado na memória-corpo, enquanto este vive.

Os movimentos, os gestos, a expressão do corpo, todos revelam a identidade, construindo-a. O corpo é também construído e reconstruído e, nesse sentido, ele é também controlado por ações discursivas a modelá-lo. O corpo é, então, um artefato e o seu “dono”, o sujeito, ou “ator” segundo Le Breton, é vivenciador de si, de seu corpo, mas todo ele é também “modelável” em sociedade.

João Imaculado é um corpo-linguagem a narrar suas sensações de prazer de quando menino, de quando jovem e de quando adulto. Descrevendo a si mesmo através das lembranças que nele são sempre quereres e verdades ditas do mais profundo dessa personagem a revelá-la no discurso, a revelar não somente suas vontades e desejos, mas também sua crítica ao falso puritanismo e aos dogmas normativos da sociedade: “Vinha-me então esse gosto condenado na boca, gerando mais e mais excitação, o transe até. Preferia estar ali, com o cu do menino na cara, a estar com minha fuça esterilizada pelos cadernos do dever diário”.

João: um corpo marcado a testemunhar a si, a revelar-se segredando: “Juramos não contar essa tarde a ninguém. Nunca”.³³ Ou seja: não contar a experiência vivida de quando meninos. Não contar esse tempo primeiro de “luta” que se fragmenta nos seus espaço-tempo e corpo-memória: “Nós a enterraríamos um pouco em cada um e, quando estivéssemos crescidos, a imagem da luta no chão frio já estaria esfarelada, sem que

³² Ibidem, p. 10.

³³ Ibidem, p. 11.

soubéssemos reaver os fragmentos. E nos fizemos de túmulo, para enterrar de vez o brinquedo que cada um criara no corpo do colega”.

Assim, nesse processo “findável” das lembranças, João Imaculado está a mover-se: “Corri para a rua abandonando o garoto com seu cheiro de entranhas.” Porém, ainda, tudo guardado: “Esse menino sempre dizia que quando crescesse seria engenheiro. Eu não falava nada. Encostei-me tantos anos depois num poste, para fumar mais um cigarro ao fim de um dia puxado na minha vida de massagista, lá pelos idos de minha alta adolescência”.

João Imaculado passa a vivenciar outros contextos de homoerotismo na juventude e na fase adulta. São nesses períodos, pode-se dizer, que as identidades sexual e de gênero da personagem passam a ser exploradas, de modo a definir ou problematizar sua sexualidade e as relações de gênero que vivencia. Isso acontece porque, neste contexto, João já se reconhece como homem que não somente se envolve sexualmente, mas que pode nutrir, também, um sentimento tanto por mulheres, quanto por homens.

O protagonista reconhecia que teria seu ser voltado a questões sexuais: “Naquele tempo, já desconfiava de que seria um adulto famélico por sexo”.³⁴ Tanto o sexo quanto o corpo são, de extrema urgência, fatores moventes na vida da personagem: “Eu crescera e era um homem apaixonado pelo corpo que eu ainda não tinha acolhido”.³⁵

No decorrer da passagem da fase jovem à adulta, João Imaculado trabalhou como massagista e também foi seminarista. Dessa última experiência ele saiu afirmando: “eu era ateu. Não fazia mais parte de um plano cósmico regido por um déspota (...). Eu queria ser Deus, isso estava claro, e desconfiava de que, para seguir a carreira divina, seria preciso uma imaginação teológica com outra face”.³⁶ Ou seja, ter outra face, a João, é não ser ele mesmo: um homem que se permite vivenciar relações afetivo-sexuais com mulheres e com homens. Nesse processo de perdas e escolhas, João volta a rever o seu amigo engenheiro, agora os dois já adultos. O primeiro, passando por dificuldades financeiras. O segundo, trabalhando em seu próprio escritório.

Chega um momento na narrativa que o protagonista passa a afirmar sua sexualidade. No seu grupo de amigos, todos se reconheciam como pessoas que tanto gostavam de se envolver sexualmente com mulheres quanto com homens. Nesse contexto, João se auto afirmava como “entendido”:

Nos considerávamos o que então se chamava de “entendido”. Sempre gostei dessa palavra, pois dava a idéia de idílios secretos, só para

³⁴ Ibidem, p. 12.

³⁵ Ibidem, p. 13-14.

³⁶ Ibidem, p. 15-16.

iniciados, vividos nos subterrâneos de certas madrugadas. Entendido poderia designar também aqueles que na claridade do dia eram vistos como machos integrais, noivos até, acima de qualquer suspeita. Mas nas horas submersas lá iam provar do pote ansiado. Todos ali éramos “entendidos”, amantes e peritos do próprio corpo.³⁷

Desse modo, podemos pensar acerca da identidade sexual do protagonista não como heterossexual ou homossexual, que mantém relações com outros homens, mas como de fato ele se designa: um sujeito “entendido”. Acerca da identidade sexual do engenheiro, o que se pode dizer é que ele também se insere no mesmo contexto que os demais, porém não se afirmando como outros, como João Imaculado, até porque, na própria fala do protagonista acerca do amigo, o que se percebe é um ser que não afirma sua sexualidade em público, pois é “enrustido”, mas que também não deixa de vivenciá-la em outros contextos: “Naquele tempo, a minha roda de companheiros da noite gostava de cantar em prosa e verso as delícias presumíveis de meu amigo engenheiro. Trata-se de um enrustido, diziam”.

O engenheiro pode ser considerado um “enrustido”, mas também um “entendido”, porque sendo ele um ou outro, em ambas categorias há envolvimento com mulheres e com homens, fazendo isso, claro, em lugares recônditos. Assim, o engenheiro se relacionava com mulheres, do mesmo modo que João Imaculado: “Na época ele tinha pinta de assexuado, mas quatro, cinco anos depois veio a namorar uma garota moradora do bairro Floresta”.

O engenheiro nunca casou, mas João Imaculado sim, por isso chega um momento no romance em que ele passa a rememorar seu relacionamento com a esposa, mãe de seu filho. Neste contexto familiar, parece ocorrer a matriz heterossexual. Na verdade, bem antes de se casar, o personagem, mesmo vivenciando experiências homoeróticas, pensa em seguir o padrão normativo familiar: “Eu precisava mesmo era de construir uma família, refazer o caminho de meu pai”. Esse pensamento do protagonista faz reforçar a reflexão de Louro acerca da matriz, quando argumenta que a “matriz heterossexual delimita os padrões a serem seguidos e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, fornece a pauta para as transgressões”.³⁸

E transgredir é o que João Imaculado faz com a sexualidade, com o corpo e tudo mais que nesses contextos identitários e de corporalidade lhe dão sentidos. Assim, ainda sobre a matriz heterossexual, Louro discursa ao dizer que é “em referencia a ala que se

³⁷ Ibidem, p. 22-23.

³⁸ Louro, Guacira Lopes. *Um Corpo estranho - ensaio sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 17.

fazem não apenas os corpos que se conformam às regras de gênero e sexuais, mas também os corpos que as subvertem”.

Encontros e desencontros são os movimentos que acontecem na vida-corpo de João Imaculado. Essa personagem, casado com uma mulher, Clara, e pai de um adolescente, narra rememorando os momentos conjugais com a esposa, que sempre soube da sexualidade movente do marido: “Clara pegou-me uma vez beijando um peão entre os eucaliptos de nossa deficitária fazenda. Figuras como esse peão não me diziam nada nem eu a eles. O corpo se encarregava de dizer. Clara fez que não viu”.³⁹

A esposa do protagonista sabia da sexualidade entendida do marido e do próprio desejo e prazer que este sentia e fazia com o corpo. Desejo/prazer que talvez lhe faltassem e, por isso, o ver e o deixar, fingindo não saber do envolvimento do marido, desse a ela alguma força motriz de impulso a simplesmente se situar nisto tudo: “Ela parecia admirar em mim o que não tinha em seu caráter erótico: uma atenção irrefreável pelos surtos físicos, inclusive os vividos em lugares públicos [...]”.⁴⁰

Havia, sim, a falta para ambos da possibilidade do corpo de um no outro. A relação do casal, há tempos, não se consumava no sexo, não se preenchia pelos afagos, nem mesmo pelos acenos. Parecia existir entre eles uma delimitação a promover, a cada um, o reconhecimento deles mesmos: “Não tínhamos sexo entre nós dois há mais de cinco anos. Ela parecia estar bem desse jeito. Eu, sem dúvida, sim”.

Mas esse casal Imaculado já tivera tempos sólidos, trazidos na lembrança de João, que rememora esse tempo primeiro dos dois. Esse rememorar não acontece por acaso, porque há, mais uma vez, a atuação da matriz heterossexual a manter o paradigma normativo e a possibilitar sua subversão, também:

Toquei trêmulo num seio sob o decote. Ela virou-se para lateral que dava para mim. E eu beijei-a nos lábios. Nenhum dos dois demonstrava surpresa. Era como se voltássemos a foder no ritmo dos primeiros anos [...]. Talvez pudéssemos fazer um novo filho, talvez a filha com que nós dois sonhávamos em horas de franco enlace [...]. Com a família ampliada, provável que eu vendesse minha pequena fazenda em sua quase inércia e abrisse um negócio em Porto Alegre. Eu já teria esquecido meu amigo engenheiro ou o pai do colega de meu filho. Talvez já fosse imune às tentações diárias em face de outros homens. Talvez no campo erótico eu passasse a querer apenas a minha mulher [...].⁴¹

³⁹ Noll, 2008, p. 38.

⁴⁰ Ibidem, p. 40.

⁴¹ Ibidem, p. 47-48.

Querer somente a esposa, João Imaculado não conseguia, pois, no “campo erótico” dessa personagem, havia sempre um desejo famélico por sexo a lhe conduzir em sua própria narrativa de epopéia libidinosa. Neste contexto, Imaculado estava aberto a receber qualquer pessoa, qualquer figura, fosse ele homem ou mulher, fosse sua esposa ou outro homem que, sendo esse o engenheiro, tudo melhor seria.

Chega um momento no romance em que acontece a pseudomorte de João Imaculado. Essa suposta morte, claro, é só uma metáfora para dar sentido ao novo nascer dessa personagem no que diz respeito aos corpos-movimentos que ela vai representar. Depois desse momento, João Imaculado passa a configurar dois corpos em um: ele passa a vivenciar a transfiguração do gênero masculino ao feminino, ao mesmo tempo, com o engenheiro: “poderia me querer como homem ou como mulher, os dois ao mesmo tempo”.⁴²

Depois de alguns momentos de certos acenos a promoverem nenhum encontro sexo-corporal, nem mesmo com o engenheiro, que estava longe há um bom tempo, João passa a desejar novos encontros, novos afagos. Nesse processo, sentia a falta que sempre tivera pelo corpo, pela pessoa do engenheiro. Falta essa que só fora vivenciada, saciada quando os dois eram crianças. E com essa lembrança-saudade-vontade a querer buscar um novo começo: “E um agrado que fosse se tornando afago, afago que se transformasse em abandono, abandono e saciedade. Saciedade e então um renovado envolvimento”.⁴³

Pensar o sujeito pós-moderno é pensá-lo, ou situá-lo, num contexto fragmentado, cambiante, um ser em processo de construção. Esses aspectos servem de base para se pensar as andanças de João Imaculado a partir de sua identidade sexual e de gênero.

A partir de agora, este trabalho descreve o momento no qual a personagem João Imaculado passa viver junto com o engenheiro. Antes de acontecer tal envolvimento entre os dois, outras andanças de João vão conduzi-lo na sua epopéia libidinal. Na vivência entre João Imaculado e o engenheiro, o protagonista vai experienciar certa transfiguração do seu corpo, ou seja, mostrar-se masculino e feminino nos discursos de sua corporeidade.

Em certa parte da obra, o protagonista vai à procura de algum corpo. Nesse caminho do erótico, encontra um garoto de programa. Ambos vão a um bar e, nesse espaço, o garoto coloca entorpecentes na bebida do protagonista. No motel, João

⁴² Ibidem, p. 56.

⁴³ Ibidem, p. 68.

Imaculado é agredido, marcando, com isso, o motivo da suposta morte de João Imaculado.

Depois de sofrer essa violência, o protagonista vai parar no hospital em estado grave. Mesmo estando todo machucado, “quase morto”, João Imaculado percebe o corpo a partir de uma “construção insular”⁴⁴, no sentido, talvez, de sua existência sozinha, do seu estar à deriva, mesmo na presença de outros corpos no hospital. Mas isso não tira dessa personagem o gosto pelo valor simbólico do sexo, do gesto libidinoso em algum corpo que se lhe apresente interessado: “A verdade é que, em mim, o sexo sobrepujava o resto. Se eu morresse já, teria para apresentar uma quilometragem razoável de pequenos, mas nítidos frêmitos, próprios do tesão. Eu renascia a cada surto da libido”.⁴⁵

No trecho que segue, Noll parece contextualizar a pseudomorte de seu personagem, quando este percebe a debilidade de seu corpo, esse artefato humano que promove a produção do ser e das coisas no mundo, estabelece relações corporais e põe em ação o existir na vida. Nisso estão vida e morte a contextualizar o que pode o corpo:

Foi quando acordei. E estava deitado num leito branco, bem no meio de um salão. O salão vazio. Capela de velório? Ou, por outra câmara ardente? Os que me velam se sentaram para um cafezinho? Tudo se expressa em branco. Vi que havia apenas outra pessoa além de mim. Estava sentada num banco, recostada na parede branca. Verifiquei sem titubear ser o meu amigo engenheiro. Ele se levantou e veio a meu encontro. Podemos ir, ele falou ajudando-me a levantar. Não senti dor nem ao menos desconforto [...]. Eu e ele isolados numa ilha em branco. Mas o quê? Eu estava todo vestido, com meu velho sapato. Sapato? Mas um motivo para me considerar morto.⁴⁶

Nesse percurso da narrativa nolliana, o engenheiro vai “ressuscitar” João, levando-o depois a outro estado, ou seja, saem de Porto Alegre: “Vamos pegar um avião Bandeirantes [...]. Para onde vamos?, perguntei. Primeiro Cuiabá, depois veremos. Por que Cuiabá? Indaguei”.⁴⁷

Ao chegarem em Cuiabá, foram residir numa pequena casa na mata. Lá, o engenheiro conta todo plano acerca da pseudomorte do protagonista: “Uma hora depois do sepultamento, violei a tua tumba, tarefa relativamente fácil, pois ainda não era uma sepultura cimentada ou marmorizada”.⁴⁸ Nesse novo contexto entre os dois, Noll passa a revelar o lado obscuro do engenheiro, no sentido dele se envolver com coisas ilegais e a revelar que o plano da pseudomorte tem a ver com tudo isto.

⁴⁴ Ibidem, p. 71-72.

⁴⁵ Ibidem, p. 74-75.

⁴⁶ Ibidem, p. 78.

⁴⁷ Ibidem, p. 79.

⁴⁸ Ibidem, p. 82-83.

Nesse novo cenário em que os dois personagens viveriam por certo tempo, João Imaculado passa a configurar um ser feminino, no sentido de expressar certas práticas estabelecidas a partir das relações de gênero acerca do homem e da mulher nos binarismo, que conotam ações masculinas e femininas em determinados espaços e contextos sociais:

Em Cuiabá, um acachapante calor. Fomos de táxi até a casa que ficaria sendo nossa, para lá da periferia da cidade, na mata [...]. Entramos na casa de alvenaria, só reboco [...]. Nesse momento o engenheiro se afastou. Ficou postado na janela da sala. Parecia contemplar seu novo quintal. Talvez agora fosse dar vazão a algum pendor seu em jardinagem [...] O que eu começo a depreender daquilo tudo? Que ele seria o meu homem [...] Esse homem enfim seria meu. Bastava que eu fosse a mulher com a qual ele sonhava.

E ele vai sendo essa “mulher” e vai se revelando a partir de discursos ditos em ações cotidianas, em certos espaços como a casa e a tudo que lhe é atrelado ao feminino, a partir de práticas normatizadoras de ser um sujeito do lar:

Entro na cozinha e penso como farei. Nunca cozinhei [...]. Eu precisava me sair bem. Se a minha oferta culinária, de fato, tinha como recompensa a dádiva física dele, eu já me via fritando ovos, mexendo-os no camarão, provando um pouco da panela, botando um pouco mais de sal, pimenta-do-reino, alecrim, manjericão.

A partir de agora, João Imaculado encarna um ser feminino: “estava ali, pronto para servir de mulher para o engenheiro, se o destino assim me ordenasse”.⁴⁹ Nesse processo de ser homem-mulher, ansiava em ter o corpo do engenheiro para viver no “conforto corporal” do amado. Nesse envolvimento afetivo-sexual entre os personagens, João Imaculado representa um feminino que realiza ações ativas com o companheiro:

O engenheiro avançou com passos medidos. Sentou ao meu lado. Eu estava nervoso. Depois de uma vida toda desejando-o, a hora parecia ter chegado. Adivinhei que, se eu não tivesse a ousadia de tocar no corpo tão ansiado, se não lhe fizesse pelo menos um agrado, muito de leve, com o mesmo peso de uma borboleta no dorso do nada, se não tomasse a iniciativa, enfim, naquela noite, o nosso tesão encruaria [...] Baixei a boca até seus lábios. E as línguas se tocaram [...]. Fui descendo com a boca até o peito dele, descendo mais até a barriga [...]. Deitados, fiz menção de virar seu corpo, e ele de fato se virou [...]. Saparei suas nádegas [...] e eu precisava providenciar que o meu cacete ficasse em forma permanente [...]. Apostos então, entrei pelo orifício [...]. O meu pau teria uma missão especial: comer a quem parecia me querer como mulher.⁵⁰

⁴⁹ Ibidem, p. 90.

⁵⁰ Ibidem, p. 92-93.

Em praticamente toda relação sexual entre os dois personagens, situa-se o protagonista como ser ativo e o engenheiro como sendo passivo. No que toca em questões cotidianas do dia a dia, Imaculado cumpre o papel feminino no sentido de cuidar e de realizar os afazeres domésticos: “continuaría no gozo dessa abstração feminina que começava a tomar conta de mim. Podia desejar mais?”. Já o engenheiro cumpre o papel masculino, no sentido de promover o sustento do lar.

Acerca desse papel do engenheiro, o que se percebe é a representação identitária sexual dessa personagem. Ou seja: o engenheiro, de fato, é um “entendido”. Essa categoria sexual assim é pensada ao personagem porque ele, ao ficar com João Imaculado numa relação, tem consigo tanto um homem quanto uma “mulher” em um único corpo, em um único espaço. O engenheiro não precisa procurar fora de casa algum homem ou alguma mulher que lhe dê o status quo de um “homem hétero”, casado com uma mulher, mas que mantém relações sexuais com outros homens. O corpo masculino/feminino de Imaculado dá ao engenheiro a possibilidade de ter e experimentar relações não somente afetivas e sexuais, mas também sociais, porque põe em cena o construto heteronormativo ou, mais precisamente, as ações da matriz heterossexual a atuar.

Porém, colocando esse último aspecto, por enquanto, de lado, a narrativa de Noll (2008) passa a problematizar a categoria entendida, dando a ela certa visibilidade, certo valor político-social, visto que, a partir dos dois personagens que são entendidos, podemos questionar e refletir acerca dessa categoria não somente noções identitárias sexuais, mas da relação conjugal entre dois homens, que assim se representam. Esse aspecto dá, a *Acenos e Afagos*, um valor altamente simbólico, porque nos permite perceber, talvez, um modo de pensar novas formas de relações generificadas, como pontua Scott em seu estudo. b

De início, todo esse contexto de representação do feminino no masculino em João Imaculado, dá a ele a possibilidade de experimentar sensações de desejo, de prazer e de transmutação no corpo. Já o engenheiro, no decorrer do tempo, viaja cada vez mais a trabalho. A função de trabalho dele, que é contrabandear drogas, vai propiciando ao narrador do romance certos questionamentos: “Esse homem disse ter hoje um dia cheio. Onde?, perguntei. Lá no meu trabalho, ele pronunciou mirando a porta da cozinha aberta [...]”.

Antes de acompanhá-lo até a varanda me perguntei se era isso mesmo que queria: ser prisioneira do lar e seus serviços”.⁵¹

Desse trecho ao quase fim da narrativa, mais uma vez o romance expressa a atuação da matriz heterossexual. Nesse novo contexto, claro, o que muda são apenas novos sujeitos, no caso dois homens, a representarem novas situações de relacionamento. Os questionamentos e reflexões feitos por João Imaculado vão problematizando a si e a tudo que lhe envolve e que diz respeito, principalmente, às questões de gênero:

Uma culpa vaga me fazia caminhar a esmo dentro de casa, sem conseguir sossegar. Mas quem eu era afinal? Um homem que funcionaria como esposa dentro de casa. Um cara fodão à noite, varando o engenheiro até o seu caroço [...]. O engenheiro tinha uma mulher que à noite lhe introduziria um cacete doido de bom. Pois essa mulher era eu. Precisava me acostumar à nova situação.

A problematização do gênero nesse momento vai revelar certa complexidade, no sentido do reconhecimento e da não aceitação de si no que tange ao personagem protagonista:

Ouvi um bater de palmas. Fui até a varanda. Era uma jovem mulata com seu bebê nos braços. Vinha me perguntar se eu precisava de alguma coisa [...]. Perguntei se queria entrar um pouco. Enquanto entrava, me olhei todo, inspecionando a quantas andava minha feminilidade. Não via mesmo uma mulher em mim. Talvez com o tempo. Tudo dependia mesmo do engenheiro. Afinal, eu avançava pelo feminino só para ele. Sem ele, voltaria ao homem que fui.⁵²

Fica expresso, a partir do trecho acima, que o movimento do ser-corpo de João Imaculado revela uma não clareza de sua identidade de gênero e sexual, quando a personagem somente se reconhece em algo que é posto em ação, não para si, mas para o outro, no caso o engenheiro. (Ou, mais precisamente: João Imaculado somente se reconhecia quando entendido?).

Do personagem João, podemos fazer certos questionamentos, dos quais, alguns advêm deles mesmos: “Inclinei-me para observar uma planta nascendo no jardim, e me perguntei se queria de fato me converter ao outro sexo. Como matar certas qualidades masculinas que custei tanto a aprender?”.⁵³

A expressão “Como matar certas qualidades masculinas que custei tanto a aprender?” parece remeter aos estudos desenvolvidos por Foucault e as concepções de Louro

⁵¹ Ibidem, p. 94-95.

⁵² Ibidem, p. 96.

⁵³ Ibidem, p. 110.

quando elencam: o primeiro autor quando fala acerca da construção da sexualidade ocidental a partir de toda uma atuação dos paradigmas normativos de dispositivos de saber/poder. A autora, por sua vez, ao analisar as atuações da matriz heterossexual e de todo aparato pedagógico para configurarem corpos e identidades de gênero e sexuais em sociedade. Nesses processos, há sempre a atuação da produção de discursos heteronormativos a estabelecerem uma verdade sobre o corpo e as identidades de gênero e sexual.

Depois da complexa instabilidade de viver/reviver as possibilidades de seu corpo de antes e de agora, João Imaculado transmuta-se mais do que em um ser homem-mulher, mas de fato num corpo-sujeito em processo de construção. Esse aspecto faz dele um corpo-movimento cambiante, fragmentado. Aliás, um ser-corpo contemporâneo, um *sujeito pós-moderno*, cujo corpo-gênero possibilita pensar novas abordagens acerca do masculino e do feminino, como argumenta Scott.

Nos últimos movimentos dessa epopéia libidinosa de um corpo famélico por sexo e marcado nas suas construções identitárias, João Imaculado continua a se envolver eroticamente com determinadas pessoas, em determinados momentos em que o engenheiro vai trabalhar/contrabandear. Suas ânsias pelo gozo não param, mesmo depois da relação homoafetiva que se inicia com o corpo que ele conhecera quando criança. Sua relação com o engenheiro, já nos finais da narrativa, fica demasiada tensa porque ambos vão, mais uma vez, fugir para outro lugar, outra mata, distantes.

Nesse processo de fuga, chegando nesse novo espaço, Imaculado sente: “Veio-me um receio de que ali acabássemos nos sentido esmagados um diante do outro. Era a primeira vez que ficaríamos isolados assim”.⁵⁴ E de fato eles seriam esmagados, até a morte. Isso porque eles não estavam sós: o surgimento de um segurança, que dava proteção ao casal, promove o fim dos dois. Primeiro do engenheiro, sendo envenenado. Depois de João que, sem saber o que o segurança cometeria, mas muito mais pelo fato de sempre seguir sua extrema vontade de gozo em algum corpo, segue o assassino nos caminhos de fuga pela mata. Nesse novo percurso, Imaculado mais uma vez é marcado, sexualmente, por esse corpo-assassino.

Eles chegam a um boteco. O segurança vai ao banheiro. Ele demora, João vai ao seu encontro. Empurra a porta de uma cabine e presencia um garoto, que trabalhava neste espaço, fazendo “boquete” no segurança. E agora, então, mais uma fuga: João foge, adentra a mata novamente e segue à casa onde ele estava com o engenheiro. No

⁵⁴ Ibidem, p. 133.

caminho, pensa em proteger-se, pensa em si como de fato é: “para pegar em armas se fazia necessário estar com meu sexo concluído, estabelecido e confirmado de uma vez por todas. Como poderia um ser de sexo inconcluso usar a arma com lógica? Afinal, o cara de sexo impreciso tende a ser confuso, inoperante, com uma rarefação mental digna de sua indeterminação genital”.⁵⁵ Depois desse pensamento posto, o segurança atira em João. Sua morte se deu lenta: afogado em seu próprio sangue. Mas morrer não é o fim a esse ser famélico por um corpo-vida: “Começa a estação das chuvas? Mas as chuvas já não vinham para me banhar. Então, de um golpe, me coagulei. E antes que eu não pudesse mais formular, percebi que agora, enfim..., eu começaria a viver...”.⁵⁶

Considerações finais

Acenos e Afagos traz em sua diegese um corpo-sujeito cambiante em constante movimento, mas em presença fragmentária. É uma narrativa dita, num único suspiro, por um corpo-movimento a querer sempre vivenciar o que pode seu corpo no do outro.

O outro é, sempre, um bálsamo ao seu ser, muitas vezes confuso no que diz respeito a saber de si em si mesmo. Isso porque, o tempo todo, a presença de algum corpo faz lembrar, à personagem protagonista, que ela é um ser marcado para os acenos, para os afagos e muito mais para a libidinosa urgência de viver os prazeres e os desejos imbuídos pelo sexo.

Vale dizer que esse lembrar não é ruim, uma vez que dá complexidade à personagem, problematizando, assim, as questões de sexualidade e de gênero. Com isso, *Acenos e Afagos* é um romance marcado por questões identitárias em João Imaculado, personagem que vivencia questões de sexualidade e de gênero, do início ao fim desta narrativa de valor homoerótico.

Nesse contexto, João Gilberto Noll produziu uma literatura que problematiza temas como o corpo, a sexualidade e as relações de gênero. O romance nolliano tem valor contemporâneo não somente por ter sido escrito por um autor deste tempo e por trazer tais processos temáticos, mas muito mais por ter uma personagem-sujeito que se pode dizer pertencer ao tempo pós-moderno, uma vez que João Imaculado é um ser que simboliza os processos descentrais e fragmentários deste século.

⁵⁵ Ibidem, p. 197.

⁵⁶ Ibidem, p. 206.